

## ATELIÊS (AUTO) BIOGRÁFICOS: UMA ABORDAGEM EM CRÍTICA CULTURAL

Evani dos Santos Dias<sup>1</sup>

*Resumo:* O texto apresenta uma análise sobre os aspectos teóricos-metodológicos do texto (auto) biográfico como método de pesquisa, abordando a escrita de si como prática de investigação/formação, que permite ao sujeito compreender o processo de conhecimento e de aprendizagem em que estão relacionados às suas experiências de vida. Trago como referência os estudos realizados até aqui no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural entendendo que a construção (auto) biográfica permite aos sujeitos que eles se construam como seres únicos e se produzam como indivíduos sociais e culturais.

*Palavras-Chave:* ( Auto) biografias. Formação docente. Escrita de si.

### INTRODUÇÃO

A análise de escritas autobiográficas se apresenta como metodologia na minha pesquisa intitulada Ser ou não ser professora, eis a questão: entre discursos e vivências de estudantes dos cursos de licenciatura em letras da UNEB campus II. Na atual conjuntura de desvalorização e inferiorização da profissional de educação, a pesquisa parte da problematização: o baixo interesse de jovens pela profissão docente. A percepção inicial desta surgiu das aulas que ministrei no Ensino Médio e ali naquele contexto pedagógico, pude perceber que os jovens não têm interesse em prestar vestibular para os cursos de licenciaturas. De minhas experiências, também tenho percebido que muitos que estão nos cursos de licenciaturas, não pretendem seguir a carreira docente ou estão no curso porque não conseguiram ser aprovados em outros vestibulares.

Dos vários questionamentos acerca do processo de formação inicial e continuada, define-se como objeto de estudo: os processos experienciais de formação docente em letras na UNEB campus II. Para isso, tomo como colaboradoras para a pesquisa, jovens estudantes dos variados cursos de licenciaturas em letras. Nesse estudo, apresento como questão/problema: De que forma os processos experienciais de formação nos cursos de licenciaturas em letras contribuem para as jovens estudantes na decisão de ser ou não ser professora?

Para coleta de dados, utilizarei dos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, dando ênfase ao método (auto) biográfico que realizar-se-á de ateliês (auto) biográficos à luz dos pressupostos teóricos de Delory-Moberger (2008), Nóvoa (2010) que afirmam que o método autobiográfico integra-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural - UNEB/Campus II. Endereço eletrônico: eva-dias@live.com.

de reflexão sobre os percursos da vida”. A construção de autobiografias possibilita a socialização de experiências, além de orientar e estruturar a experiência social e de formação.

Segundo Delory-Momberger (2008) a biografização constitui o objeto de uma atividade incessante, em termos de representações de si e dos outros. Sobre experiências de vida e formação Josso (2004, 2010) que traz a narrativa de vida como fundamento a todo processo de pensamento, de formação e de projeto de inserção social, bem como Souza, (2006) no que se refere à pesquisa (auto) biográfica como interface metodológica.

## **1 ATELIÊS (AUTO)BIOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA**

Os ateliês (auto) biográficos, que serão aqui citados, referem-se à pesquisa de campo em andamento com um grupo de colaboradoras, estudantes dos cursos de licenciatura em letras da UNEB campus II, os ateliês têm ocorrido semanalmente e devem totalizar dez encontros. Trata-se de momentos de narração e organização da memória, previamente definidos pela coordenadora do Ateliê no que diz respeito ao tempo e aos elementos das experiências de vida e de formação a serem socializadas. Os Ateliês (auto) biográficos, oferecem as colaboradoras um espaço para o desenvolvimento de suas experiências de vida. Essa atividade permite a elas que se construam como seres únicos e se produzam como indivíduos sociais.

O método (auto) biográfico de pesquisa ganha notoriedade à medida que a escrita autobiográfica permite que cada sujeito escreva sobre si e sobre seus processos de formação e aprendizagem. A escrita de si promove a socialização de experiências, bem como oferece um lugar privilegiado ao narrador em sua história possibilitando a este conhecer e compartilhar competências pessoais e profissionais, identificáveis pelos próprios sujeitos e relacionadas à imagem que constroem da profissão docente.

A biografização constitui o objeto de uma atividade incessante, em termos de, representações de si e dos outros, de reflexividade solitária ou partilhada (conversações, discussões), de relações estabelecidas ou desfeitas[...] (MOMBERGER, 2008)<sup>2</sup>

Dos encontros já realizados foi possível a socialização de experiências, o estímulo de operações mentais, lingüísticas e comportamentais além de orientar e estruturar a experiência social cotidiana. A escrita de si, realizada nos ateliês, pode ser vista como uma prática de reflexão do sujeito consigo

---

<sup>2</sup> Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto p. 137.

mesmo, com o outro e com os discursos que o constituem. Partindo de tal pensamento podemos conceber que, o sujeito é objeto dos discursos que o atravessam.

Entendendo o texto (auto) biográfico como, resultado de um processo de intertextualidade, que conduz o sujeito a compor sua própria história, reconhecer-se na história que conta e dar a si mesmo uma identidade, acredito ser possível analisar, através da escrita de si, como o sujeito está em constante fazer, desfazer e se refazer, numa perspectiva em que o sujeito se torna objeto de sua reflexão.

A escrita de si como narrativa produzida, a pedido de um pesquisador, com o propósito de construir uma memória pessoal ou coletiva em um determinado período, possibilita ao indivíduo o contato com sua singularidade e o exercício do conhecimento de si.

Ao configurar-se como atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimento, porque se ancora nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento. (SOUZA, 2006)<sup>3</sup>

Ainda, seguindo Souza, ele afirma que a pertinência do trabalho centrado na abordagem (auto) biográfica e de seu enquadramento como uma prática de investigação-formação justifica-se porque não cabe uma teorização a “posteriori sobre a prática, mas sim uma constante vinculação dialética entre as dimensões prática e teórica” (p. 140), as quais são expressas através da reflexão do ato de narrar-se. Nesse sentido no que se refere ao método (auto) biográfico, existe uma eliminação do pesquisador, “por que a expressão de sentido e a construção da experiência centram-se na singularidade e subjetividade do sujeito” (p. 140).

Partindo de tais pressupostos os Ateliês (auto) biográficos apresentam-se, nesse contexto, como um espaço onde as colaboradoras em formação docente podem (re)apropriar-se das suas experiências de formação partindo da escrita de si. O relato de experiências pessoais e formativas, estimula ações criadoras e transformadoras, perceptíveis pelas próprias colaboradoras e age sobre a imagem que estas constroem da profissão docente, de modo a contribuir para que elas reelaborem suas opções pelo curso de formação e pelo magistério.

---

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela FACED/UFBA, Professor da Faculdade de Educação da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UFBA. Coordenador do GT 13 – Educação Fundamental da ANPED (2006/2007) – Brasil.

## **2 O MÉTODO (AUTO) BIOGRÁFICO: UMA ABORDAGEM EM CRÍTICA CULTURAL**

A partir dos elementos teóricos assimilados até aqui, em Crítica Cultural, pretendo fundamentar algumas noções que conduzam a compreensão da importância do método adotado na minha pesquisa.

Ao discutir sobre formação docente, partindo da perspectiva do “ser ou não ser professora” analisando as narrativas de formação das estudantes, aponto esta questão como uma construção social, marcada por rupturas e fragmentações. Partindo desse pressuposto proponho em minha metodologia um olhar sobre Rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que apontam uma estratégia metodológica rizomática.

Ao adotar o método (auto) biográfico este adquire importância por que conduz a um olhar não totalitário sobre a profissão docente e abre a possibilidade para uma discussão centrada nos processos de formação individuais, já que parte da singularidade de narrativas de si. Nesse espaço de não totalidade coloco assim, a profissão docente fora da dicotomia vitimização/sacerdócio, fora de um paradigma de desvalorização e abro a possibilidade para novas perspectivas sobre ser ou não ser professora.

Dentro da metodologia da escrita de si Deleuze e Guattari, ganham importância, pois nos conduzem a pensar sobre a estrutura do conhecimento, do que sabemos e de como utilizamos o que sabemos sobre nós, nossas experiências, nossa formação como sujeitos individuais e sociais.

Ao longo da história da humanidade o conhecimento, tem sido o resultado de um processo de assimilação da realidade numa busca constante pela verdade gerando o acúmulo de informações e conteúdos que se ramificam continuamente dentro de um sistema que se resume na hierarquização de um conteúdo acumulado que alimenta a uma árvore do conhecimento. Essa produção de conhecimento enraizada mantém grande parte das comunidades científicas, que ainda hoje exercem domínio sobre os veículos de produção e circulação de saberes.

Para Deleuze e Guattari não existe uma base única de conhecimento, este, é algo sem ramificações, vem de qualquer direção e vai para qualquer direção, parte de pontos variados, sem uma constante ou lógica a ser determinada. O rizoma surge, então, em contrapartida à concepção segmentada da realidade. Na ideia arborescente o conhecimento é construído em função do uno, no rizoma encontramos o múltiplo que vai contra a ramificação hierarquizada do saber, anulando o binarismo que comanda as relações dicotômicas. Dentro da visão rizomática não se estabelece começo nem fim para o conhecimento.

É nessa perspectiva que concebo, em minha pesquisa, o método (auto) biográfico, pois este possibilita a multiplicidade de sentidos, experiências que surgem como linhas independentes que representam dimensões, modos inventados e reinventados de si e da formação docente.

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto [...]. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

Dentro das interfaces metodológicas da escrita (auto) biográfica trago ainda Jacques Derrida em sua concepção sobre a implosão da dialética que contribui, dentro da discussão da formação docente, com o pensamento do deslocamento e desconstrução dos discursos que sustentam a ideia de que “ser professora” é ser submissa a um sistema que a explora e resistente às dificuldades impostas pela realidade precária da educação do país, marcando sua trajetória com discursos que falam sobre exploração, vitimização e detenção de um saber que a obriga a um sacerdócio.

Diante dessas construções ideológicas Derrida contribui, quando afirma que o processo da desconstrução se dá quando, se desordena a “ordem interna” de um texto, nesse caso a ordem de discursos que induzem as jovens em formação docente, a assumirem para si uma rejeição a serem professoras ajudando a promover uma visão negativa e estereotipada sobre o exercício da docência. Derrida de modo geral nos conduz a uma travessia onde é preciso coragem para sair do lugar da desvalorização docente, para escolher quais discursos abandonar e o que conservar, nesse processo de escrita de si.

Tal concepção ganha respaldo na leitura de Eliseu Clementino de Souza:

Na escrita da narrativa a arte de evocar e de lembrar remete o sujeito a eleger e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas que viveu, de domínios exercidos por outros sobre si, de situações fortes que macaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens [...] dos padrões construídos em sua história *e de barreiras que precisam ser superadas para viver de forma mais intensa e comprometida consigo próprio.* (SOUZA, 2006)

O trabalho com o método (auto) biográfico, também exige um processo de investigação e interpretação das entrelinhas de uma escrita subjetiva que pertence ao outro num processo constante de caminhar para si. Dentro de um aporte investigativo Carlos Guinsburg (1990) oferece como método a investigação minuciosa dos detalhes que muitas vezes passam despercebidos no processo de pesquisa. Propõe, sairmos dos incômodos da contraposição entre racionalismo e irracionalismo, priorizando os vestígios e os sinais que conduzam a uma pesquisa mais profunda e menos centralizada na obviedade.

Tal olhar torna-se importante, pois o método (auto)biográfico, registra vivências de jovens em formação, suas experiências individuais tornando necessário ao pesquisador conhecer os detalhes que não estão ditos, sair da objetividade dos discursos e percorrer os caminhos dessas entrelinhas.

Por milênios o homem foi caçador [...] Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba [...] O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente. (GUINSBURG, 1990)

Aqui também é válido considerar Gaston Bachelard que propõe o método do pensamento partindo da psicanálise e contribuindo para o conhecimento do objeto a ser pesquisado, no caso, as experiências de formação nos cursos de licenciatura em letras. Saber, detectar os obstáculos epistemológicos é um passo para fundamentar os rudimentos da psicanálise da razão.

Não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano: é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentsidões e conflitos. É aí que mostraremos causas da estagnação e até da regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos. (BACHELARD, 1996)

Nesse sentido é possível dar conta de um método (auto) biográfico, no qual cada etapa da pesquisa seja uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer.

## **CONCLUSÃO**

A pesquisa por mim proposta torna-se cada vez mais atual e necessária dentro de uma perspectiva em crítica cultural, pois na atual conjuntura política presente no país, que aponta para um modelo ultrapassado que fragmenta e empobrece a formação, que traz de volta uma concepção elitista da educação e que não contempla medidas necessárias para solucionar problemas estruturais, pensar criticamente sobre a formação docente torna-se algo precioso e necessário.

Conhecer as falas dessas jovens estudantes de letras e com elas compartilhar processos experienciais de formação é promover uma ação democrática que garante ao sujeito refletir e conhecer sobre si e sobre os processos que contribuem para a sua formação. Fazer avançar o método (auto) biográfico numa perspectiva em crítica cultural favorece e amplia o olhar sobre a formação docente já que a pesquisa (auto) biográfica analisa os modos segundo os quais os indivíduos e grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida. As fontes (auto) biográficas trazem as experiências de vida dos sujeitos fortalecendo e reconhecendo à cultura e saberes singulares ampliando e

produzindo conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. Segundo Josso “Formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração.”<sup>4</sup>

Dentro do processo de pesquisa investigação/formação a análise da escrita de si apresenta-se como uma alternativa que reconhece as potencialidades individuais trazendo à tona elementos importantes para compreender os processos de formação, as ideias, os atos, ideologias e discursos que são compartilhados e manifestados no convívio diário nos cursos de licenciatura em letras.

O método (auto) biográfico de pesquisa é então um olhar e re-olhar e (des)construir discursos cotidianos que estimulam uma cultura de desvalorização da profissional de educação a fim de que as colaboradoras possam utilizar em sua prática de formação diária uma reelaboração de conhecimentos que sirvam de orientação e guia para uma ação transformadora no que se refere ao processo de (re)significação de ser ou não ser professora.

## REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. *Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 7 – 37.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade em questão: Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LEMOS, José Carlos Galvão. *Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: trabalho docente e a construção da identidade profissional*. Tese de doutorado. UNICAMP, São Paulo, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

---

<sup>4</sup> Marie-Christine Josso, Experiências de vida e formação, (p. 39).

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad. Iza Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

NÓVOA, Antônio. *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, Eliseu Clementino de. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. In: *Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 136-147.